

# COMMERCIO DE BRAGA

PERIODICO POLITICO, COMMERCIAL E DE INTERESSE PUBLICO.

PROPRIETARIOS. — Manoel Pereira Lobato e Antonio Maria da Fonseca.

Nº 60

22 julho 1862

PUBLICA-SE AS TERÇAS QUINTAS E SABADOS

Assigna-se e vende-se no escriptorio da redacção na Galeria n.º 14. Correspondencias de interesse particular e annuncios por linha 30 rs: para os snrs assinantes 25 rs. — Folha avulsa 40 rs. — Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção do jornal franca de porte. Preço da assignatura: (sem estampilha) por trimestre 1\$000 reis.—(com estampilha) (idem) 1\$200 reis: para o Brazil, (por navio de vela) 1\$200 reis, (pelo paquete) 2\$000 reis.

## BRAGA 21 DE JULHO.

Já n'um dos numeros d'este jornal começamos a expender algumas considerações sobre a necessidade instantissima d'uma completa e radical reforma da instrucção popular—reforma, a que o governo tem prestado toda a actividade e sollicitude. Hoje, porém, continuamos ainda a occupar-nos d'esta materia, porque a julgamos de grande importancia e interesse social—como um elemento indispensavel para o sumptuoso edificio da civilisação do nosso seculo.

Não é sufficiente, não é bastante, que os governos curem só e exclusivamente do progresso, dos melhoramentos materiaes d'uma nação, para que ella prospere e floresça—é preciso ainda mais, que a luz da instrucção se derrame pelas massas, e d'este modo se dissiparão as trevas do erro, da superstição e da ignorancia.

A instrucção, pois, é uma condição essencial e indispensavel para o florescimento d'um povo e para a sua moralidade, porque a ignorancia foi sempre em todos os tempos e em todos os logares a causa, a origem de grandes vicios e crimes. O desenvolvimento moral deve preceder, ou, ao menos, acompanhar «pari passu» o desenvolvimento material de qualquer paiz.

É necessario, é urgente mesmo, que os governos prestem todo o auxilio, e a maxima protecção a este importante ramo d'administração publica—e o façam desenvolver de tal modo, que derrame suas luzes e espalhe seus beneficios não só no soberbo palacio do abastado, mas também na baixa officina do artista.

O progresso moral das classes operarias, por meio da instrucção, é hoje, n'este seculo, uma necessidade instantissima e altamente reclamada pelos interesses sociaes.

Queremos e advogamos, por tanto, a maxima latitude ao ensino, á instrucção popular, porque com ella se conseguirá o beneficio da civilisação, que caracteriza este seculo—que é a divisa das sociedades modernas.

A esphera dos conhecimentos humanos, como judiciosamente ponderou um publicista dos nossos dias, tratando d'esta materia, ténde sempre e continuamente a dilatar-se.

O que hontem se incluía no quadro do ensino secundario, está hoje muitas vezes considerado pertença do ensino primario. Os novos horisontes, que o espirito do homem vae sem cessar devassando, amontoam os institutos superiores com novas disciplinas, e cumpre deslocar algumas das antigas para os inferiores na hierarchia do ensino.

E de facto assim o reclamam imperiosamente as exigencias da epocha.

Mas, para que as nossas escolas primarias preencham o seu fim importantissimo, e derramem a luz dos conhecimentos indispensaveis—precisam d'uma nova organisação, accomodada ao progresso e ao aperfeiçoamento da sociedade.

O pensamento organisador do actual gabinete n'este importantissimo ramo d'administração publica é manifesto—está sobrejamente demonstrado. Não dizemos senão a verdade, sem nos importar-mos com as pugnas partidarias, que alli se pelejam, e que não visam ao fim sanctissimo de pugnar pela prosperidade—pelo adiantamento material e moral do nosso paiz.

O nosso campo é advogar a causa da civilisação da nossa terra.

Empenhamo-nos e empenharemo-nos sempre a favor dos intuitos reformadores do governo, sem mentir ás nossas crenças e aspirações de verdadeiro progresso—e quando essas reformas nos levarem ao caminho do engrandecimento da patria. São estas as doutrinas, que professamos.

A reforma, pois, de instrucção popular era, como dissemos, um problema d'alta consideração, e de que o governo tem curado com a suprema importancia, que merece—como um dos elementos constitutivos das sociedades bem organisadas, e que anhelam sentar-se no banquete do progresso e da civilisação d'este seculo. Com ella prende immediata-

mente a prosperidade, o adiantamento material e moral do nosso paiz.

A instrucção popular, como se achava organisação, era mais um escarneo, do que uma cousa seria—era, como um esqueleto, vestido de remendos e andrajos.—Era digna de lastima a vida rachitica e misera, que tem ahi vivido até hoje!

Nas escolas primarias, que por ahi existem nos concelhos ruraes é onde momentaneamente se faz sentir a mais prompta e rapida reforma.

O seu lastimoso atraso é sensivelmente conhecido por todos, é patenteia, ao mesmo tempo, o desprezo e a incuria das autoridades respectivas, na inspecção do andamento e prosperidade do ensino.

Na maxima parte dos concelhos d'este districto, este importante ramo d'administração publica está completamente descurado, porque o professor, além de lhe faltar o conhecimento necessarios, e indispensaveis para o desempenho do seu alto ministerio, não cura, nem se importa com o adiantamento dos alumnos. Dura e triste verdade é esta!

É para lamentar, que os primeiros elementos da instrucção, onde, por via de regra, se bebem as opiniões e os prejuizos da vida, se achem confiados a homens, que muitas vezes fazem das suas cadeiras «tripode» de pedagogia analphabeta.

A's habilitações para o professorado—do ensino primario deve presidir todo o escrupulo, mas desgraçadamente nem sempre este se observa. Sem a habilitação do professor, os alumnos nenhum fructo, nenhum proveito poderão colher.

O ensino rutineiro e sedico é o «credo infallivel» que ainda seguem professores analphabetos, a quem está incumbida a sagrada missão de preceptores da mocidade.

Mas com o escasso e mesquinho estipendio, que os professores actualmente percebem, nada mais se poderá exigir, nem esperar da instrucção primaria. É esta uma das primeiras causas, porque a instrucção não tem progredido; é este,

epigrammatico, fazendo rir e chorar ao mesmo tempo; em fim, tal qual elle deve ser; porém, como em Portugal não ha quem o escreva assim, dê-l'ho conforme poder, mas dê-l'ho, para que ellas não adormeçam continuamente sobre elle a lerem artigos politicos, e o estado do mercado, que são, com certeza, duas coisas substanciaes por excellencia para estadistas e negociantes, mas muito somenos para entreter o espirito essencialmente delicado de senhoras como as de Braga.

Um amigo meu, d'estes excellentes rapazes, que não se deitam no mesmo dia e que se levantam, que se levantam para não estarem continuamente deitados, e que fazem muitas outras coisas por as verem fazer ao proximo, entrou em minha casa um bello dia (digo bello, porque estava de sol, não havia vento, isto é, havia vento, mas não açoitava as faces das mimosas filhas d'Eva), e depois dos cumprimentos do costume, ofereceu-me um charuto, acendeu outro, e sem cerimonia, principiou o seguinte monologo:

«Maldito contracto! (referia-se ao do tabaco) que obrigas um pobre rapaz, não digo pobre na verdadeira accepção da phrase

a envenenar-se contra sua vontade, contra a da familia, dos amigos, do namoro, e de tudo o mais que lhe é caro, eu te amaldiço, eu te lanço o meu anathema, eu te....»

Aqui engasgou-se, sorveu uma forte fumaca, e olhando para mim que o contemplava boqui-aberto, disse-me, adoçando a voz:

— Falei hontem muito a teu respeito.

— Fizeste muito bem. Sobre que versou o cavaco?

— Respeito a muita coisa. Como sabes sou teu amigo, e questionando com o Alberto em litteratura, fiz-lhe ver que eras um rapaz de muito merecimento, e até o unico que eu conhecia no caso de preencher uma lacuna no jornalismo bracaense. O principio da questão foi causado pelo *Commercio de Braga*, não ter no Porto um folhetinista que, com um genio satyrico como o teu, lhe relatasse o que por aqui se passa.

— Agradeço muito os teus louveres, mas não estou disposto a fazer tão comprida viagem, qual é a do folhetim, sem vento fresco, porque receio bastante um naufragio e, por consequente, não levar a porto de salvamento a embarcação, comprehendes?

— Perfeitamente. Comtudo, não é isso

pois um dos pontos importantes e capitaes da reforma.

Uma retribuição condigna e que recompense os pesados trabalhos do ensino primario, chamará ao exercicio do magisterio homens habilitados e esclarecidos, que possam cabalmente desempenhar os seus deveres—dedicar a sua vida ao espinhoso encargo de preceptores da mocidade—de bem servir a patria.

Era já tempo de que os governos, compenetrados da altura da sua missão, tomassem uma vigorosa iniciativa na organisação das nossas escolas e da educação popular—reforma, que assentava sobre a solução d'um grande e importante problema social, e que não pôde deixar de ser saudada como uma nova era de progresso e de civilisação.

A reforma, pois, que ahi está apresentada é já um grande passo para um mais amplo e proficuo derramamento da instrucção popular, e com algumas modificações muitas vantagens poderão colher-se.

Opportunamente exporemos outras considerações, que o estudo d'esta materia nos suggerir.

Ella interessa a todos.

## PARTE OFFICIAL

Extracto do *Diario de Lisboa* de 14 e 15 de julho.

MINISTERIO DO REINO.

Portaria de 12 de julho corrente, louvando a commissão que se constituiu para promover uma subscrição entre os individuos que compoem o corpo d'armada a favor dos orphãos recolhidos nos asylos que estiveram a cargo das irmas da caridade, pelo meritorio acto que praticou.

Continuação da lista dos subscriptores do corpo da armada, que concorreram com os seus donativos a favor dos asylos da infancia desvalida.

MINISTERIO DA FAZENDA.

Annuncio de que foram mandados retirar da praça, que deve ter logar no dia 21 d'agosto futuro, os bens pertencentes ao recolhimento de Santa Maria Magdalena em Castello Branco.

Annuncio de arrematação, no thesouro publico, no dia 25 de agosto proximo de bens

rasão bastante para que deixes, como Vasco da Gama, de

«Por mares nunca d'antes navegados»

fazer um serviço de similhante jaez ao folhetim, que te chama com os braços abertos, e ás damas que te saudarão com um sorriso de bondade.

— Dizes muito bem; mas tu não sabes o que é o folhetim, meu amigo. O folhetim é a parte mais difficil d'escrever de qualquer jornal, e em Portugal onde, diga-se a verdade, a litteratura está muito adiantada, tem apparecido poucos homens que comprehendessem o que era o folhetim. Depois, não quero metter-me em camisa d'onze varas, como se diz vulgarmente, porque mais dia, meno dia, são chapazes de chamar-me *Jules Janin* como já o fizeram a um nosso compatriota que apesar de ser escriptor de merecimento, está tão longe de o ser, como eu estou da Sibéria. Nada, nada, quero poupar-me a dissaberes.

— E as damas? — tornou o meu impetuoso amigo, que prometeu tentar o ultimo esforço — as bellas damas de Brag.

## FOLHETIM

### EPISTOLAS PORTUENSES.

I

Porto 17 de julho.

Que querem? Deu-me para aqui.

A maioria dos jornaes da provincia teem correspondencias particulares do Porto, e até alguns teem cartas folhetins e revistas, escriptas desta nossa boa terra; e porque razão não ha-de ter o *Commercio de Braga* um folhetinista ou coisa que se pareça, que relate minuciosamente ás suas interessantes leitoras o movimento da segunda capital do reino, onde se passam todos os dias e a todos os momentos coisas que armam á gargalhada da mais innocente e pudibunda donzella?

Tenho-me feito esta pergunta milhares de vezes, e tenho-me admirado outras tantas.

O *Commercio de Braga* deve dedicar um cantinho ás damas, isto é, deve dar-lhes o folhetim, travesso, zombeteiro, sentimental,

adjudicados á fazenda nacional no districto de Bragança, e de bens pertencentes á commenda de Ansemil, no de Vizeu, avaliados em rs 10.513,200.

Outro annuncio de arrematação, no districto do Porto, no dia 21 de agosto proximo, de bens adjudicados á fazenda nacional, sitos no concelho de Villa Nova de Gaya, e avaliados em rs. 1:900,000.

Relação n.º 1:026, com referencia ao districto de Lisboa, no titulo de renda vitalicia que se remette pela terceira repartição da direcção geral da contabilidade do ministerio da fazenda ao delegado do thesouro respectivo, a fim de ser entregue ao interessado Antonio de Araujo Lage.

Annuncio de pagamento a diversas classes. Annuncio de arrematação, no thesouro publico, no dia 25 d'agosto proximo, de bens pertencentes ao mosteiro das religiosas de S. Salvador de Vairão, avaliados em rs. 20:098,220.

**MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR.**  
Portaria de 7 de junho findo, izentando do serviço d'armada a varios individuos, e declarando outros sujeitos ao mesmo serviço.  
Ordem da armada n.º 71.  
Aviso aos navegantes n.ºs 7, 8, 9, 10 e 11.

**MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS.**  
Mappa indicativo do numero medio d'operarios empregados diariamente nas estradas e outras obras publicas do reino, nas semanas findas em 3, 10, 17, 24 e 31 de maio findo.  
Nota dos preços correntes dos fundos publicos na praça de Londres em 8 de julho de 1862.

Cotações de titulos de divida consolidada interna, em 14 de julho corrente.

Dois decretos de 4 e 8 de junho corrente, declarando de utilidade publica e urgente a expropriação de parte de uma propriedade, sita na freguezia de N. Senhora da Conceição, concelho da Povoia de Varzim, para a construção da estrada do Porto áquella cidade; e parte de diferentes propriedades sitas no concelho de Coimbra, para a construção das obras a cargo da companhia real de caminhos de ferro portuguezes.

Portaria de 11 do corrente, ordenando que o intendente das obras publicas do districto de Lisboa, proceda aos reparos precisos no templo da igreja parochial de S. Thiago e S. Martinho, em Lisboa.

Outra portaria de 15 do mesmo mez, mandando que o director das obras publicas do districto de Castello Branco faça proceder ás reparações necessarias na igreja de Santa Maria Maior d'aquella villa.

Cotação de titulos de divida consolidada interna, em 16 de julho do corrente.

**MINISTERIO DA GUERRA.**  
Ordem do exercito n.º 20.

**MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA.**

Carta de lei de 9 de julho corrente, declarando sancionado o decreto que regula o modo como ha de proceder-se nos depoimentos de testemunhas ou de partes nas causas commerciaes e nos casos a que allude, abolindo a appellação officiosa e a glosa de que tracta o art. 1.106 do codigo commercio.

Lista nominal dos delegados do procurador regio transferidos por decretos de 12 do corrente, como requereram, para as comarcas que lhes vem declaradas na mesma lista.

Igual lista dos delegados do procurador regio, despachados por decretos de 12 do corrente, para as comarcas que igualmente lhes vem declaradas.

Portaria de 14 do corrente, mandando que

Não serás tu capaz de te sacrificar por ellas, radiantes de belleza, de graça, d'amor e de bondade — e tanta bondade — que até ja tiveram a paciencia de ler os folhetins farralhudos d'um patarata... d'um parvo, que teve o desvergonhamento de dizer no seu folhetim-preambulo que o passeio das Fontainhas estava fronteiro a Villa Nova de Gaya, e que se via perfectamente o jardim de S. Lazaro do mesmo passeio! / Disse tudo isto e quejando disparates no Bracarense, e o doutor Pollido não o encaixou em Rilhafolles, com sentinellas á vista, e as damas de Braga resignaram-se e aturaram-o, e o parvo punha o seu nome por baixo de taes asneiras, e os redactores do periodico consentiam, e o folhetinista ainda hoje se gloria das sandices que escreveu, e muito mais coisas que não az minga dizerem-se, e...

— Basta, basta. Escreverei um, dois, tres, quatro folhetins, mas não estejas a aturir-me, porque então dou o dito por não dito.

O meu amigo, como resposta, deu-me um abraço, e eu que não sou homem que fixe por qualquer modo de cumprir a minha palavra, aqui estou á mercê de v. ex.ª, en-

procurador regio, junto á relação do Porto, signifique ao delegado da comarca de Bragança e este aos outros vogaes e demais cidadãos, que foi muito agradável a S. M. o pensamento de se constituirem em commissão, contribuindo e promovendo na dita cidade uma subscrição com o piedoso fim de suffragar a alma d'el-rei o sr. D. Pedro V, e obter donativos para comprar roupas e mais utensilios, de que os presos da cadeia da mesma cidade estavam extremamente necessitados.

*Diario de Lisboa de 5 de julho*  
**MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA FAZENDA**  
SECRETARIA D'ESTADO  
1.ª Repartição

DOM LUIZ, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algraves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:  
Artigo 1.º E' autorisado o governo a realizar um emprestimo até á somma de reis 200.000\$000, pelo modo que julgar mais conveniente, contando que os encargos d'esta operação não excedam a 7 por cento ao anno; tendo destinado o producto d'este emprestimo para a continuação da construção de uma casa de alfandega da cidade do Porto, no anno economico de 1862-1863.

Art. 2.º O governo poderá consignar para pagamento dos juros e amortização do emprestimo, contrahido em virtude d'esta lei, até á somma de 25.000\$000 reis em cada anno, deduzidos da receita da alfandega do Porto.

Art. 3.º E' o governo autorizado a fazer crear e emittir até á quantia de 500.000\$000 reis, em titulos de divida fundada interna ou externa de 3 por cento, a fim de servirem de garantia ao mesmo emprestimo.

§ unico. O governo fará entregar á junta do crédito publico, pelos cofres das alfandegas grande Lisboa e do Porto, a somma correspondente aos juros dos titulos creados em virtude d'este artigo.

Art. 4.º O governo dará conta ás côrtes, na proxima sessão legislativa, do uso que tiver feito das autorisações concedidas por esta lei.

Art. 5.º Fica revogada toda a legislação em contrario.

Mandamos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e guardem e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda, aos 3 de julho de 1862.—EL-REI, com rubrica e guarda.—*Joaquim Thomaz Lobo d'Avila.*—Logar do sello grande das armas reaes.  
Carta de lei, etc.

**DOM LUIZ, etc.**

Artigo 1.º A contribuição pessoal, que se ha de vencer no anno civil de 1863, é fixada na importancia de 130:00\$000 rs, repartida pelos districtos administrativos do continente do reino, segundo o mappa que vae annexo a esta lei, e que d'ella faz parte.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Mandamos portanto a todas auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e guardem e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda, em 2 de julho de 1862.—EL-REI, com rubrica e guar-

cantadora leitora, de quem espero ter todo o beneplacito.

O meu programma... eis uma das grandes difficuldades com que teem a lutar tanto o novel como o escriptor veterano que, como eu, vai fazer a sua apresentação em um salão illustrado como é o de v. ex.ª Emfim, como não ha christão que não seja baptisado — raros o romance e o drama que não teem prologo, tambem farei o meu programma, simples programma, com os dois versos de Sá de Miranda.

«Dizei em tudo a verdade  
«A quem em tudo a deveis.

Ora, eu que não devo a v. ex.ª senão veneração, respeito, e acatamento, não devo dizer-lhe outra coisa.

Eis a minha divisa. Jámais me esqueceréi d'ella, e como o deputado eleito á força de cacete, ou pelos cabos de policie, promette defender o ministerio que o elegeu, assim eu prometto seguir-a, ainda que me veja forçado a arrostar com todos os tropeços do mundo.

Adiante.

da.—*Joaquim Thomaz Lobo d'Avila.*—Logar do sello grande das armas reaes.

Mappa, a que se refere a lei d'esta data, dos contingentes da contribuição pessoal que pertencem aos districtos administrativos do continente do reino, e teem de ser repartidos com relação ao anno de 1863.

DISTRICHTOS ADMINISTRATIVOS	CONTINGENTE
Aveiro .. .. .	2:237\$963
Baja .. .. .	2:331\$ 81
Braga .. .. .	5:45\$425
Bragança .. .. .	867\$282
Castello Branco .. .. .	3:298\$032
Coimbra .. .. .	5:174\$ 67
Evora .. .. .	5:55\$469
Faro .. .. .	4:654\$13
Guarda .. .. .	3:179\$917
Leiria .. .. .	4:48\$342
Lisboa .. .. .	88:873\$623
Portalegre .. .. .	5:00\$761
Porto .. .. .	31:04\$367
Santarem .. .. .	7:00\$824
Vianna do Castella .. .. .	2:264\$761
Villa Real .. .. .	3:417\$916
Vizeu .. .. .	5:066\$428
230:000\$000	

Paço da Ajuda, em 2 de julho de 1863.—*Joaquim Thomaz Lobo d'Avila.*

**EXTERIOR.**

Turim 12.

O ministro dos negocios estrangeiros fez á camara a seguinte communicação:

«A camara sabe quaes são, ha dois annos, as nossas relações com as outras potencias.

«Não tendo nós, representante em S. Petersburgo, impossivel nos era entabolar negociações directas com o governo russo.

«Desvelando-se porém constantemente pelo bem da Italia, empregou o imperador dos francezes os seus bons officios; e viu coadoados de bom resultado os seus esforços. «O czar declarou-se disposto a receber uma missão extraordinaria, em consequencia da qual se estabelecessem regularmente as relações diplomaticas entre os dois paizes.»

«Como não havia rompimento com a Prussia, poderam entabolar-se negociações directas com o gabinete de Berlim; e já um despacho telegraphico do nosso representante n'aquella côrte annuncia hoje, que a Prussia reconheceu tambem o reino da Italia.

«Apresentados vão ser á camara os documentos relativos ao reconhecimento da Prussia. Dentro em poucos dias, espero poder fazer outro tanto com relação ao da Prussia.»

Depois d'isto, annunciou o ministro os desposorios da princeza Pia com el-rei de Portugal.

«A Italia, disse o ministro, toma logar entre as potencias de primeira ordem, e ha de saber corresponder á expectação universal, para ser um poderoso instrumento de liberdade e civilisação.»

Com fervorosos applausos foram acolhidas estas palavras.

O ministro apresentou um projecto de lei, fixando em 500,000 francos a dotação da princeza Pia.

A camara votou a urgencia, e nomeou nma deputação para felicitar o rei da Italia.

O mundo elegante está emigrando de uma maneira incrível; mas necessario é que não se persuadam que é para a terra da Sancta Cruz, e por meio d'engajamento. Não, senhor. O bello sexo não pôde supportar a calma, e, como unico refugio, procura S. João da Foz, onde vai encontrar remedio para o calor e para o nervoso.

A Foz está, como todos os annos, n'este tempo, tornando-se um eden de delicias. Tudo alli respira amor. Para a semana talvez por lá dê um passeio para contar o que vir; mas o que desde já aconselho ás leitoras do *Commercio*, é que venham banhar-se nas aguas do bello Douro.

De theatros nada posso dizer, porque estão fechados. A companhia de zarzuella que aqui esteve ultimamente, de que era primeira tiple a Nieves, deixou-nos, assim como havia deixado o proprietario e redactor d'um jornal d'essa cidade, que veio, não sei se por ser chamado telegraphicamente, empregar toda a sua influencia para que se não desse uma pateada de despedida á deusa dos seus sonhos.

Coitado! Causou-me dô o pobre homem! Era muito digno de melhor sorte o seu amor!

Paris 12.

Vai partir para o Mexico o corpo expedicionario da artilheria. Comprehende este as peças de sitio que devem empregar-se contra Guadalupe, e será commandado pelo coronel commandante do regimento de artilheria montada da guarda imperial.

Diz a *Gazeta de Ausburgo* que o principe Guilherme de Baden que pertence ao exercito prussiano, pediu permissão para tomar parte na expedição franceza do Mexico.

Cettigna 12.  
Hontem perto da Steboja, Mirk bateu Derwich-Pachá, que tinha entrado nos principados com 30,000 homens. As perdas dos turcos foram consideraveis.

Londres 14. Nova-York 4.º  
A situação do general Mac-Clellan inspira desassorego. Julga-se imminente outra batalha perto de Richmond. O presidente Lincoln ordenou outro recrutamento de 300,000 homens. Fica suspenso durante o verão o ataque de Charleston. A situação dos confederados em Arkansas é muito precaria.

Paris 14.  
O imperador, que goza de completa saúde, chegou hontem de a Vichi, e foi cordialmente recebido pelos habitantes do paiz e pelos banhistas. A imperatriz, bastante melindrosa, chegou a Saint-Cloud pelas tres horas da tarde.

Um telegramma do Havre diz que o exercito de Mac-Clellan está desorganizado e em derrota: que Beauregard, commandante do exercito do Sul ia marchando contra Washington: que Lincoln havia substituido o seu ministro da guerra.

Varsovia 11.

O criminoso que attentou contra a vida do gran-duque, apenas tem 22 annos. E' official de alfaiate, e quasi não sabe lêr.

O imperador dos francezes, a rainha de Inglaterra e os reis da Prussia, Hannover, Belgica e Saxonia enviaram ao grão-duque as suas felicitações, uns directamente, outros pro meio dos respectivos consules.

Do *Vimaranense* transcrevemos a seguinte

**CORRESPONDENCIA.**

*Sr. redactor.*

«Entro hoje nesta redacção em hora de muita magoa, e nunca tão dorido e contrafeito tomei nas mãos a minha penna de escriptor. Deixe-me já desappressar o meu coração, e desafogar o meu espirito, de uma confissão que devo a esta terra, que devo á minha consciencia, e a dois cavalheiros, cujos nomes virão logo. E' a historia muito resumida, muito concisa, e muito verdadeira de um facto que por ahí corre já estragado nas variantes da phantasia de um publico, que aqui, como em toda a parte, com tudo brinca.

«Oçamol-o: Na tarde do dia 4 d'este mez houve uma pequena desintelligencia entre mim e o sr. José Teixeira de Sousa defronte da casa do Guardal (não sei o nome d'aquella rua); viu aquelle cavalheiro uma intenção offensiva n'uma palavra minha, e respondeu-me ameaçando-me com um pequeno chicote que tinha nas mãos. Estava elle a cavallo, e em redor de nós os meus amigos Simões, Domingos e Duarte, Luiz Cardozo Martins, Francisco Teixeira de Sousa, e Duarte. Redargui á ameaça sacando o chicote das mãos do sr. José Teixeira de Sousa, mas devolvi-lh'o por mão não sei de qual dos meus amigos, que todos impediram a continuação de um incidente des-

E empregal-o em uma gallega, porque fez toda a serie de disparates! Se não fosse o folhetim, quem havia de lamental-o, de choral-o, na despedida da sua amante!

«Está outra vez a concurso o logar d'emprezario do real theatro de S. João! Não entendo bem esta embrolhada. Pois se o theatro havia sido adjudicado ao Alba, qual a razão porque está outra vez annunciada a sua adjudicação? Coisas da administração do theatro de S. João, que jámais hade fazer senão tolices. E o mais bonito não é isso. O que tem mais chiste é escolherem para administradores, crianças, ignorantes, e o que é mais, todos elles faltos de senso-commum. Não me admiro — *similes cum similibus.*

Ficarei por aqui, que já vai longa esta epistola, e para a seguinte podem contar com novidades de grande lote, sem deixar de relatar-lhes as mais pequenas particularidades, podendo acreditar sempre no seu

*Trancoso da Purificação.*



agradavel, e lograram affastar-nos. Meia hora depois talvez entravamos todos no Tournal, me-nos o sr. José Teixeira de Sousa, que quasi em seguida chegou, e dirigindo-se a mim, me disse que ia exigir-me a satisfação de um insulto que eu lhe havia feito; respondi rapidamente que a mim só competia pedir des-aggravos, mas n'isto fazendo o sr. José Teixeira de Sousa menção de querer dar-me com o seu chicote, antes de conseguil-o confundiram-se os nossos braços n'uma instan-tanea lucta que muitos cavalheiros estorvaram de novo. Foi assim o facto. E' insupezito o testi-munho dos cavalheiros que o presenciaram. A' noite na assembléa tive a honra de ser cumprimentado por todos os cavalheiros que se achavam n'aquella casa, e reunido no gabi-nete de leitorea alguns dos meus mais infim-os amigos, perguntei-lhes se a sua amisa-de tinha a impor-me algum dever ulterior sobre o incidente que elles conheciam. Respon-deram-me com um abraço, e Luiz Cardezo Martins da Costa Macedo em nome de todos me obrigou a que eu fosse sempre para com elles o que n'aquella occasião ainda era com maximo prazer de todos. Devolvi com outro abraço a frase d'aquella alma candida e cavalheirosa, mas com intenção de não aceitar a risca o conselho dos meus amigos. Hontem de manhã dirigi á casa de Villa Pouca por um creado uma carta que dizia exactamente assim:

«Ao sr. José Teixeira de Sousa dirá o portador d'esta carta o seguinte:

Que eu o espero logo ás 4 horas na pra-ça do Tournal no mesmo sitio onde nos en-contramos hontem. Que o negocio para que o convido é todo puramente pessoal.

Que eu vou só e exactamente como hon-tem; que elle póde ir como quizer, mas que espero do seu brio o não consentir que algum tome ingerencia n'aquillo que haja de passar-se conosco».

Seguia o meu nome.

Pouco depois de ser entregue esta car-ta ao sr. Teixeira de Sousa, veio s. ex.<sup>a</sup> pro-curar-me e disse-me o seguinte: «Que vinha dar-me uma plena satisfação pelo incidente da vespera, cuja iniciativa elle tinha tomado e que me pediu como cavalheiro e como meu antigo amigo que lh'a aceitasse, attendendo a que a sua indiscripção fóra filha do tres-variado do seu espirito, devido a graves soffrimentos da sua vida intima e á má influen-cia que lhe havia resultado d'um charuto que fumára» Respon-di que aceitava a satisfação, mas que a queria publica por qualquer mo-do manifestada, e indiquei por tanto a repe-tição d'aquella satisfação na presença de dous cavalheiros d'esta terra. Escolhi por mim o sr. José Falcão de Magalhães, e o sr. T. de Sousa escolheu pela sua parte o sr. Jo-sé Martins da Costa Pinto Montenegro. Hoje reunimo-nos todos ao meio dia na casa do primeiro d'aquelles cavalheiros, e alli repe-tiu o sr. Teixeira de Sousa o mesmo que me havia dito, acrescentando que antes de receber a minha carta havia já formado tenção de pro-curar-me para me dar a mesma satisfação que depois me deu. Eu de mim pedi aos cava-lheiros presentes que se consignasse bem o sentido d'aquella satisfação, e que muito es-pecialmente convidava a attenção d'elles para a minha nova declaração de que aceitava as explicações do sr. Teixeira de Sousa, por me ter s. ex.<sup>a</sup> procurado depois de receber a carta, cuja copia acima fica. Aqui repetiu o sr. Teixeira de Sousa que tivera sempre tenção de procurar-me antes de receber a minha carta, e ninguém teve duvida em acre-ditar a sua palavra, com quanto eu insistisse em antepor a posteridade d'esse facto como razão principal da minha acquiescencia para o fecho posto ás nossas ligeiras dissidencien-cias. Pedi depois para que se me permitisse a publicação nua e descarnada d'estas occur-rencias, e cumpro-as agora, creio que muito dignamente, não alterando em nada a mais pequena minudencia do que se passou.

Terminei confessando-me de novo amigo do sr. José Teixeira de Sousa, e devolvendo em muito cordeas gratidões a aprimorada deli-cieza de s. ex.<sup>as</sup> os srs. José Falcão de Magalhães, e José Martins da Costa Pinto Mon-tenegro.

Agora snrs. redactores, guardo no fundo da minha alma a impressão triste de tudo isto, e se ella me dóe como recordação pungente, alegre-me tomal-a por contraste e relêvo aos muitos contentamentos que me têm fartamen-te procurado nas suas manifestações honrosas e obsequiosissimas todos os fidalgos e cava-lheiros d'esta terra.

Todo vosso

J. C. Vieira de Castro.

Hotel Vimaranesse 6 de julho de 1862.

## NOTICIARIO.

**Nomeação honrosa.** — Partiu hontem da manhã para Guimarães o nosso presado ami-go o sr. Albano Corte Real, a fim de exer-cer alli interinamente o importante cargo de escrivão de fazenda.

O sr. delegado do thesouro interino d'este

districto não podia fazer mais acertada esco-lha. O sr. Albano pela sua intelligencia, gran-de pratica no serviço da fazenda, e sobretudo pelo seu cavalheirismo e genio conciliador, hade saber desempenhar perfeitamente o lo-gar para que interinamente foi nomeado.

Damos os parabens ao sr. Corte Real.

**Fallecimento.** — Falleceu no domingo o socio do sr. Ignacio José da Silva, negociante de solla na rua dos Chãos de Baixo.

Aos officios funebres que se fizeram hon-tem na igreja de Santa Cruz assistiu um gran-de n.º de pessoas amigas do sr. Ignacio José da Silva

**Procição.** — A de N. Senhora do Carmo, que ha alguns annos se não fazia por falta de meios da irmandade, saiu este anno com todo o esplendor.

A's muitas esmollas que os fieis vão de-positar todos os dias sobre a sepultura do virtuoso padre mestre Neiva, a quem o povo considera sancto, se devem não só os melho-ramentos que se tem feito na igreja, como as novas alfaias que a adornam.

Na procição não iam os tambores que vão perdendo completamente de moda. Em quasi todas as procições se não veem já estes malditos despertadores, que tem sido sub-stituídos por musicas d'aldeia.

**Collegio de Nossa Senhora da Conceição.** — No lyceu desta cidade fize-ram-se 23 exames por parte dos alumnos des-te collegio, pela maneira seguinte:

Guilhermino Augusto Nunes — approvado em instrucção primaria.

Luiz Lopes Mendes Saldanha — approvado em instrucção primaria.

Celestino Jacintho Ferro de Madureira Be-ça — approvado em instrucção primaria.

Bento Manoel Augusto de Sá — approva-do em instrucção primaria — 1.º e 2.º anno do curso de portuguez, e curso completo de francez.

Antonio Vicente da Fonseca Barreto — ap-provado em instrucção primaria — no curso de francez, e com distincção no de portuguez.

Antonio José de Madureira Beça — ap-provado em instrucção primaria — no curso de portuguez e de francez.

Antonio Augusto Lopes Mendes Saldanha — approvado em instrucção primaria — no curso de portuguez, e de francez.

José Candido Moura — approvado no curso de portuguez, e no de francez com distincção.

Francisco Augusto Rodrigues Praça — ap-provado com distincção no curso de portu-guez e de francez.

Gualberto Mauricio Jorge de Lima appro-vado em instrucção primaria, e com distincção no curso de portuguez e de francez.

Carlos Augusto d'Oliveira Pimentel — ap-provado com distincção em portuguez, e em francez.

**Expediente.** — O nosso correspondente em Celorico de Basto é o ill.<sup>mo</sup> sr. Antonio Leite Pereira de Azevedo. Os snrs. assignan-tes que queiram tratar algum negocio com esta redacção ao pagar as suas assignaturas queiram dirigir-se ao mesmo sr.

**Combustão espontanea.** — Segun-do refere um jornal, «na freguezia de S. Pe-dro de Marialva, concelho de Meda, e dist-ricto da Guarda, deu-se no fim do mez pas-sado um caso, que a gente d'alli chama sin-gular, e do que o povo d'alli está admiradis-simo.

«Manoel, trabalhador d'aquella freguezia, chegou a casa alta noite, porque passou parte d'ella com outros seus companheiros n'uma taberna, bebendo aguardente, como um sol-dado no tempo do gelo e em dias de com-bate.

«O trabalhador, logo que chegou a casa, deitou-se no meio do sobrado, não querendo ir para a cama apesar das instancias, que lhe foram feitas. Dizia que tinha muito calor.

«Na madrugada acordou a mulher, e sen-tindo um cheiro desagradavel, como o que sae d'um corpo animal em combustão, levantou-se, e qual foi o seu espanto quando não viu o marido, mas só no sitio em que elle se deitara um buraco, que abrangia todo o es-paço em que se estendeu, e aos lados algu-mas cinzas!

«Abria a porta, e chamou desorientada pela vizinhança.

«Esta accediu; foram á loja da casa masahi na direcção do buraco nada mais encon-traram que uma porção de cinzas!

«A vizinhança não soube explicar o facto; e houve alguém que disse que a mulher quei-mara seu marido; mas pouca gente o acre-ditou; porque era uma santa mulher. O caso espalhou-se e as autoridades tomaram conhe-cimento do facto. Procedu-se ao competente auto, e o medico que assistiu e procedeu á investigacão, declarou que o trabalhador foi victima d'uma combustão espontanea.

«Não se encontram signaes alguns de se comunicar o fogo á roupa do infeliz traba-lhador e a forma do buraco que se encon-trou na soalho, e outras circumstancias não deixaram a menor duvida de que o traba-lhador foi victima da combustão espontanea.

«O trabalhador era muito dado á aguard-ente, e foi desta bebida que lhe resultou a morte que soffreu.

«Tenham cautella os que gostam dema-siadamente desta bebida damnosa.»

**A carestia de pão.** — Da *Voz do Alem-tejo* Estamos em plena colheita de cereaes, e podemos dizer, que temos senão a fome a bater-nos á porta, pelo menos o elevado pre-ço do pão, porque já se está vendendo.

O preço do pão tem constantemente subido e a ultima *picada* que deu foi no dia 14 pedindo-se mais em cada kilogramma 10 rs. O preço do trigo tambem tem subido a ponto de já estar cada alqueire de trigo a 840 e consta-nos que, em S. Romão se vendeu a 900 reis.

E' verdade que o pão, apesar do elevadis-simo preço do trigo, não corre a devida pro-porção com aquelle preço; pois vende-se o pão na proporção do preço de 1\$100 reis, como se o trigo tivesse este preço e felizmente ain-da não chegou lá, e se mostra, que o povo é sempre *esfollado*.

A cevada está a 320 reis. Ora porque em Lisboa ha grande deposito de cereaes, e tan-to que, individuos de Elvas têm comprado generos cereaes lá para aqui venderem, seguindo-se que o preço do trigo e do pão é mais barato em Lisboa o governo; não deve pelo facto de em Lisboa não carecer de trigo, abandonar o povo das provincias ás consequencias tristes de uma colheita esteril, e pol-o á mercê da vontade dos *ajiotas* que de tudo se valem para tirarem a pelle ao pobre povo. O governo deve saber, que os *instigadores da revolução* não páram nos seus maleficos planos, e exploram tudo para moverem as mas-sas populares. A fome e o elevadissimo preço do pão são tudo uma e a mesma causa, e o povo no seu desespero, póde romper os di-ques, e é isto mesmo que querem os *insti-gadores*.

**Subscrição caridosa.** — A que se está promovendo em beneficio do asylos das crianças abandonadas, montava, no dia 19 de julho, segundo refere a *Opinião*, ao seguinte:

Em Lisboa.

Subscrições entregues no ministe-rio do reino: (metal)..... 4:377\$260  
inscripções..... 16:100\$000

Entregues no governo civil, [metal] 957\$790  
inscripções..... 200\$000

Subscrições no *Jornal do Com-mercio*: (metal)..... 3:286\$173  
(inscripções)..... 1:900\$000  
(titulos de divida)..... 489\$900

Subscrições do *Portuguez* (metal) 426\$370  
Subscrição da *Politica Libe-ral*: exceptuando a parte que to-cou ao asylo de S. João, do beneficio dado no theatro nor-mal, (metal)..... 939\$650

Lista da grande commissão de que é secretario o sr. José Ri-beiro da Cunha: (metal)..... 1:334\$000  
(inscripções)..... 29:95\$000

Producto da recita dada no thea-tro de D. Maria II. (metal)..... 425\$460

Lista da commissão auxiliar da freguezia da Encarnação, (metal) 128\$430  
(inscripções)..... 300\$060

Lista da commissão auxiliar da freguezia de S. Paulo (metal)..... 501\$000  
(inscripções)..... 100\$000

Provincias

Subscrição da *Voz do Alemtejo* de Elvas (metal)..... 120\$210

Subscrição do *Tribuna Popular* de Coimbra: (metal)..... 153\$130

Subscrição do *Pharol do Alemtejo* de Evora: (metal)..... 141\$090

Subscrição do *Districto de Lei-ria*: (metal)..... 11\$750

R.º..... 58:243\$215

Resumo

Metal..... 9:503\$315

Inscripções..... 48:55\$000

Titulos de divida 189\$900

R.º..... 58:243\$215

O *Jornal do Commercio* possui mais dez accções da companhia de pescarias a que por ora não deu valor.

**Theatro.** — Tave lugar no domingo o beneficio do tenor Real. As sympathias que o beneficiado aqui tinha grangeado por occasião de fazer parte da companhia de zarzuela, em que roubou sempre a todo o publico mere-cidos e constantes applausos, e a protecção d'alguns amigos produziram uma grande con-currencia, tanto nos camarotes como na platea.

Apesar do merito do artista, era voz publi-ca que elle teria uma estrondosa pateada promovida por pessoas que sempre o applau-diram, mas que, julgando-o causador da pateada que recebeu a companhia Macedo, que-riam vingar-se assim de tão *insólito* procedi-mento. Effectivamente assim foi. Apenas o sr. Real entrou no palco, e ainda antes de se fa-zer ouvir, rebentou logo, uma fortissima pateada, que encommoava o publico, que tinha ido

alli para se divertir e não para ser victima de vinganças.

A pateada era tambem acompanhada de palmas dos amigos do sr. Real e de muitos indifferentes. O sr. administrador conhecendo o *accinte* da pateada e vendo que se pro-longava excessivamente advertiu o publico de que, excedendo aquella os limites da boa edu-cação e da lei, a não podia tolerar; e que, so tanto fosse preciso, usaria da força. Esta admõ-estação do sr. administrador foi recebida com bravos do publico sensato, ordeiro, e illus-trado.

O tenor canton, e no final recebeu pal-mas d'uns, e pateada d'outros!

Como, porém, posteriormente, se tornas-se a repetir a mesma scena do principio, e como se notasse em todas as familias um certo desgosto e susto por ver o estado em que a platea se achava, tornou o sr. administrador a reprehender os pateantes, declarando que aquelles que não obedecessem e exorbitassem, os mandaria sahir do sallão. O sr. adminis-trador não se dirigiu a ninguém individual-mente. Foi então, que, sem provocação algu-ma, o sr. Alves Passos se levantou bradando para o sr. administrador que «aquillo era um despotismo, porque ainda na penultima repre-sentação tinha sido tolerada pela auctoridade uma pateada e não se tinha mandado sahir ninguem da sala; que não estavam em Marrocos ou em Argel, e que o sr. adminis-trador não podia mandar pôr fóra ninguem por dar pateada». Então o sr. administrador que, em quanto o sr. Passos assim esta-va invejivando, lhe tinha dado demonstra-ções de que não desacatasse assim a au-ctoridade, vendo que este não cedia e que estava assim promovendo o descrédito á au-ctoridade e a ordem do espectáculo, ordenou-lhe que se retirasse do sallão.

O sr. Alves Passos obedeceu. Então os seus amigos, e aquelles que o tinham acom-panhado na pateada e que, muito de proposito, tinham ido ao theatro para servirem de ins-trumento de ruins paixões e vinganças mes-quinhas, sahiram tambem, havendo por essa occasião algum arruido que muito assustou os espectadores pacificos, e as familias que alli se achavam.

O sr. Passos, porém, em vez de não vol-tar como devia ao sallão, por ter sido man-dado sahir do theatro, voltou de novo a occu-par o seu lugar. Foi então que, tendo assim desobecido ás ordens da auctoridade, foi adver-tido de que tinha ordem de prisão, por ser en-contrado em flagrante delicto, em virtude do que se recolheu ao Aljube.

Quando s. s.<sup>a</sup> sahio para a prisão alguém houve que o quiz tirar ao poder de quem o acompanhava, ao que todavia s. s.<sup>a</sup> não acce-deu. Isto deu lugar a grande tumulto na en-trada do theatro, que poz em grande susto as familias que se achavam no sallão.

O sr. administrador vendo então que era impossivel continuar o espectáculo, declarou o mesmo terminado.

Eis aqui a verdade dos factos: eis aqui o que ninguém, em boa fé, poderá contestar.

O *Bracarense*, porém, desfigura tudo, e conta as coisas d'um modo muito diverso, mas contrario á verdade. E senão, analyze-mos.

Não é verdade que a pateada fôsse dada, como expressão do descontentamento do pu-blico, pelo mal que o sr. Real cantou. A pateada rompeu apenas o sr. Real entrou em scena, e ainda antes de começar a cantar. Não podia, pois, ser essa a razão, e tanto mais, quanto era a primeira vez que o sr. Real cantava, desde que aqui esteve com a *zarzuela*, epocha em que foi sempre applaudi-do por toda a gente, por todos os que hon-tem o patearam, sendo o *Bracarense* o pri-meiro a contar isto mesmo em todas as suas chronicas theatraes, onde o sr. Real era sem-pre elogiado junctamente com a 1.<sup>a</sup> lipe, merecendo louvores, e sendo apontado como um bom cantor digno por isso de todos os applausos e ovações.

E é este mesmo cantor a quem o *Braca-rensense* hoje chama *mau galego e mau cantor*!!

Vê-se pois, que a pateada foi accintosa e premeditada, e que é por isso falso o que o *Bracarense* diz. Tambem não é verdadeira e exacta a comparação que o *Bracarense* faz entre o procedimento do sr. administrador na penultima noite de theatro, e na d'ante-hontem. O sr. administrador fez então o mes-mo que fez agora. S. s.<sup>a</sup> declarou que não consentia a pateada que interrompesse o espectáculo e que fosse fóra dos limites. Foi exactamente o que fez agora, logo no prin-cipio. A differença está em que, então, as pessoas a quem s. s.<sup>a</sup> reprehendeu; que eram aquellas a quem o *Bracarense* chama amigos do sr. administrador, nunca mais patearam; e ante-hontem, depois da primeira admoestação, a pateada continuou da mesma fórma, o que deu lugar á segunda reprehen-são da auctoridade que, então, e não no prin-cipio, como diz o *Bracarense*, declarou que faria sahir do theatro quem ainda desobede-ceu. Os factos são pois muito diversos: a comparação não tem lugar. Dizer que o es-pectaculo terminou porque os espectadores de-

ram a logração do tenor por concluída, tam-  
bem não é verdade. O espectáculo terminou  
porque o sr. administrador assim o declarou,  
alto e bom som do seu camarote abaixo.

O Bracarense, continuando a desfigurar  
os factos, diz que o sr. administrador sem  
se importar com os pateantes mandará pôr  
fora da sala o sr. Passos, que estava muito  
sosegado a gozar o espectáculo. Não foi as-  
sim. Quando o sr. administrador viu que  
apesar da sua admoestação a pateada conti-  
nuava, declarou que faria retirar aquelles que  
desobedecessem. S. s.<sup>a</sup> não se dirigiu a nin-  
guém individualmente. E o que aconteceu então?

Foi que o sr. Passos, sem mais nem me-  
nos, sem que a auctoridade fallasse n'elle, le-  
vantando-se do seu logar, onde tambem pa-  
teava, começou a invectivar contra a aucto-  
ridade, como acima dissemos, alterando assim  
a ordem, justificando a pateada, desacatando  
a auctoridade, e, de certo modo, apresentan-  
do-se como chefe d'aquelle motim. Foi então que  
a auctoridade o mandou sahir do theatro.

E não teria razão para isto? Não o de-  
via fazer depois do que acabava de dizer?  
Pôde o sr. Passos queixar-se, com razão, de  
que só a elle fizessem sahir, quando só o sr.  
Passos e mais ninguém, obrou assim? Deve-  
ria a auctoridade deixar-se ficar inerte depois  
de ser desacatada, tanto n'a.s. quanto não ha-  
via razão para se chamar arbitraria? Não está  
o sr. Passos certo do que s. s.<sup>a</sup> disse, e do  
que se passou n'aquelle mesmo logar, quan-  
do um estudante foi preso por desobedecer e  
por patear, n'uma occasião em que s. s.<sup>a</sup> jul-  
gava que a pateada lhe era dirigida?

A razão porque o sr. Passos foi manda-  
do sahir foi por esse desacato — e se foi pre-  
so, foi porque voltando depois ao theatro, de-  
sobedeceu a auctoridade e foi encontrado em  
flagrante delicto.

Esta é que é a verdade: apellamos para  
o publico que ahí se achava. Não ha nin-  
guem que se atreva a contestal-o. Não escre-  
vemos por paixão.

Temos a consciencia tranquilla de que  
dizemos a verdade. Essa chamada premedita-  
ção da prisão está a baixo de toda a critica.  
É um absurdo de tal ordem, que não tem  
resposta. Lamentamos de veras estas occur-  
rências. Se fallamos n'isto não é porque seja-  
mos partidários do sr. Real: mas tambem nos  
não envergonhamos de o ser e de proteger  
um galego como diz o Bracarense — o Bra-  
carensis — que até aqui o protegeu tambem,  
que protegeu uma companhia de CALEGOS e  
que ..... ainda lhes não é desafeiçoado. N'esta  
parte o Bracarense deveria calar-se. Devia  
recordar-se do tempo do Abel.

Fallamos n'esta desagradavel questão por-  
que se dirigem no Bracarense insinuações a  
este jornal, que provocavam uma resposta.

Defendemos a auctoridade porque obrou  
com justiça.

Poderíamos dizer muito mais. Falta-nos  
porém espaço. Felizmente, o publico sabe a  
verdade.

**Noticia importante.** — Falla-se va-  
gamente d'uma conspiração tenebrosa contra  
a dynastia reinante, que o povo de Braga pre-  
tende substituir por outra, cujo representante  
será o sr. Manoel Joaquim Alves Passos.

O povo adora-o — o povo pede-o como seu  
unico salvador — e o illustre candidato ao thro-  
no parece que faz o sacrificio de aceitar a cor-  
da d'Alfonso Henriques, depois da prova-  
ção porque acaba de passar.

E' caso para luminarias.

**Esperteza saloa do homem de  
Basto.** — O chefe dos pateantes, não podendo  
arrosamente justificar-se do seu insolito pro-  
cedimento no theatro, pretende no Bracarense  
d'hontem encabeçar em politica as medidas  
tomadas pelo sr. Ramos para manter a dig-  
nidade da auctoridade e a ordem do especta-  
culo. E' uma estrategia sedicã adoptada á ul-  
tima hora pelo heroe de Cabeceiras, porque  
nos corredores do theatro dizia elle antes de  
ser preso para um certo pedante que por ahí  
anda — aqui não ha politica. A trica não illu-  
de ninguém. Não faça asneiras — não seja in-  
solente, — respeite as leis e as auctoridades —  
não incomode a politica para coisas d'estas,  
nem se dê a importancia do victima, por-  
que a não merece.

**Ainda a esperteza.** — Por virtude do  
engenhoso plano a que alludimos na local an-  
tecedente, o sr. Alves Passos, no longo aranzel,  
que publicou acerca do theatro, não men-  
ciona uma só vez o seu nome, e refere-se sem-  
pre ao redactor do Bracarense com grifo e  
sem grifo.

Consta que o Bracarense tem dois reda-  
tores, a saber: o sr. Alves Passos, e Ca-  
pella.

Então para que se dá aquelle sr. as honras  
de redactor unico? Ingrato! deixe alguma co-  
isa para o seu respeitavel collega. Não queira  
para si toda a gloria. Mas ainda que o Bra-  
carensis tivesse só um redactor, porque não  
havia o sr. Alves Passos declarar o seu no-  
me, que é tão popular e bemquisto?

Persuade-se que foi preso o redactor do  
Bracarense, ou o professor do Lyceu, ou o pa-  
ladino da interessante Nieves? Engana-se. Quem  
foi preso foi simplesmente o sr. Manoel Joa-  
quim Alves Passos.

**Procição.** — Debaixo d'esta epigrapha  
annuncia o sr. Passos *arbi et orbi* que o pu-  
blico bracarense correrá hontem desde o ama-  
nhecer em procição a visital-o no aljube. Isto  
é soberbo — *alias magnifico* — Não se dizia  
melhor descrevendo a concorrencia dos devo-  
tos á sepultura do padre Neiva. Tinhamos  
aqui de portas a dentro este santarrão, e não  
o sabiamos. Que pena! Pois é verdade. Foi  
o publico bracarense..... foi? não foi... Correu  
em procição a visital-aquelle cidadão honesto  
e virtuoso votado ao martyrio politico por uma  
auctoridade que teve a pouca vergonha de  
encarcerar o homem mais popular d'estas re-  
dondezas.

Oh! horror! Oh! despotismo.

**Em que ficamos?** — Diz o sr. Al-  
ves Passos que «quando entrava no Alju-  
be ouviu uma demonstração publica, mui-  
to significativa, mas pacifica, da indigna-  
ção geral contra os despotas que abusam do  
poder para se vingarem dos inimigos, e favore-  
cer os amigos.»

E mais abaixo diz: «E ainda assim,  
apesar de tudo, o prezo entrou na cadeia  
porque, quiz, e precisou de resistir á vontade  
e diligencias d'um numero concurso de es-  
pectadores, que o acompanharam desde a pla-  
teia até ao patim do Aljube, onde a guarda  
foi repellida pelo povo, e o prezo teve de cor-  
rer pela escada acima para entrar no carce-  
re antes de ser envolvido no tumulto dos que  
o queriam roubar d'vingança e ao despotis-  
mo do governador civil, do administrador,  
cegos servidores d'uma facção politica execra-  
da por toda a gente sensata.»

Em que ficamos pois sr. Passos?

**O ladrão do negro meiro toda  
a noite assobiou.** — O sr. Alves Pas-  
sos desde que entrou para a cadeia até o dia  
seguinte ás dez horas da manhã não fez ou-  
tra coisa mais do que escrever essa serie de  
mentiras, com que vem repleta a quarta pa-  
gina do ultimo n.º do Bracarense.

**O que dirá o Bracarense ama-  
nhã?** — Que ha-de dizer? que o redactor  
do Bracarense sahira da cadeia, sendo d'al-  
li acompanhado até sua casa por um concu-  
so mimenso de povo.

Se o disser não admira: era terça fei-  
ra.....

**Napoleão em Santa Helena.** — O  
sr. Alves Passos descreveu a sua entrada na  
cadeia por uma tal forma, que aquelles que  
o não conhecerem, nem souberem como as  
coisas se passaram, hão de persuadir-se de  
certo que deu entrada na cadeia algum Na-  
poleão, ou coisa que o parecesse.

Tudo quanto se lê na quarta pagina do  
ultimo n.º do Bracarense (á excepção dos an-  
uncios) está tão longe da verdade, como quem  
escreveu aquelle apontado de mentiras está  
longe de ver a Deus.

Pois não diz o sr. Alves Passos que a  
maior parte dos espectadores patearam o tenor  
Real, em quanto que todos os pateantes se  
limitavam a oito ou dez. Não diz que quasi  
toda a plateia se pronunciara em seu favor,  
em quanto que não seriam mais que doze as  
pessoas que o seguiram até á porta da cadeia,  
onde s. s.<sup>a</sup> entrou, a contento de quasi to-  
da a gente?

Mintam, mintam á sua vontade. Gritem,  
berrem, urrem e blasfemem com toda a  
força dos seus pulmões contra as auctorida-  
des locais, que ellas rir-se-hão da vossa im-  
portancia balofa.

**Telegramma.** — E' official o recon-  
hecimento de Italia pela Prussia.

### Publicações Litterarias.

*O Judeu Errante, e os Misterios de Paris.*  
(EDIÇÃO PORTUENSE)

Tendo-se exgotado a 1.<sup>a</sup> edição d'estes dous  
populares e mui interessantes romances, que  
por si só bastaram para exaltar a reputação de  
EUGENIO SUE, um dos vultos mais salientes na  
litteratura franceza; e havendo nós obtido au-  
thorisação de seus illustres traductores e pu-  
blicadores para o reimprimir em 2.<sup>a</sup> edição,  
vamos tentar esta empresa, esperando encon-  
trar no favor publico o valioso auxilio e pro-  
tecção que ella carece para a sua realisação.

A publicação far-se-ha em pequenos vo-  
lumes, distribuindo-se em ou dous por mez,  
a fim de se tornar mais facil a sua impressão,  
te ao mesmo tempo mais commo aos srns  
assignantes a sua acquisição, pela modicidade  
do preço.

O formato será identico ao da **Bibliotheca  
das Damas**, e cada volume não conterá  
menos de seis folhas d'impressão, ou 96 pa-  
ginas.

A traducção é esmerada, circumstancia va-  
liosa, e pouco vulgar em publicações d'esta or-  
dem.

A publicação principiará pelo **Judeu Er-  
rante**, a qual encetaremos logo que haja nu-  
mero sufficiente d'assignaturas que cubra a des-  
peza da impressão.

Preço de cada volume 120 reis, pagos no  
acto da entrega.

Assigna-se no Porto, no escriptorio do  
Archivo Juridico e Biblioteca das Damas, rua do  
Bomjardim n.º 69, defronte da viella da Netta.

## AGRADECIMENTOS

121 Antonio Fortunato de Faria e sua  
mulher agradecem cordalmente  
a todas as pessoas que se dignaram cum-  
primental-os, ou assistir ao funeral de seu  
presado sogro e pae o sr. Domingos  
José Tinoco, os obsequios e honrosas aten-  
ções, que lhes prestaram; e lhes pedem,  
por este meio, por não o poderem fazer  
por outro a todos, que aceitem os pro-  
testos do seu reconhecimento e da sua  
gratidão.

D. Manoel Real, tendo sahido inexpe-  
radamente d'esta cidade, motivo por  
que não pôde despedir-se particularmen-  
te de cada um dos seus amigos, agrade-  
ce, por esta fórma, as demonstrações de  
sympathia, que lhe patentearam na noite  
do seu beneficio, e os inumerosos obse-  
quios, que, em attenção á juventude de  
Braga, recebera de todos os seus habitan-  
tes illustrados; bem como ás classes mi-  
litares, que, imparcialmente, se pronun-  
ciaram a seu favor.

Do intimo d'alma agradeço á juven-  
tude, e lhe protesta um vivo reconheci-  
mento, uma grata recordação até á morte.  
Braga 21 de julho de 1862.

D. Manoel Real.

## ANNUNCIOS

88 FRANCISCO José Rodrigues, mora-  
dor na rua de Gatos n.º 3, tem  
um lindo sortimento de candieiros para  
gaz liquido; fogões de chapa de ferro  
economicos feitos na fabrica de João  
Thomaz Cardoso em Villa Nova de Gaia;  
bombas de baixa e alta pressão ame-  
ricanas.

## PRIMEIRA E ANTIGA CASA FELIZ RORIZ

Rua das Flores n.ºs 1 e 3,

Junto á egreja da Misericordia.

PORTO.

PLANO  
PARA A

Loteria extraordinaria da  
Santa Casa da Misericor-  
dia de Lisboa,

Cuja extracção terá logar no dia 5 de  
agosto do corrente anno, constando dos  
seguintes premios a saber:

1 premio de....	20.000\$000
1 « de....	10.000\$000
1 « de....	3.000\$000
2 « de....	1.000\$000
2 « de....	600\$000
3 « de....	400\$000
6 « de....	200\$000
30 « de....	100\$000

PREÇOS

Bilhetes inteiros....	10\$000 reis
Meios ditos.....	5\$000 «
Quartos.....	2\$500 «
Oitavos.....	1\$250 «
Cautellas.....	500 «
Ditas.....	250 «

José Ignacio Ferreira Roriz,  
Assignado no governo civil do Por-  
to, em conformidade do edital de  
28 de Junho de 1860.

Tem á venda na sua antiga e bem co-  
nhecida loja os bilhetes com os preços  
acima indicados. O mesmo satisfaz com  
promptidão todas e quaesquer encomen-  
das que lhe sejam feitas das provincias,  
ainda que sejam em grande quantidade;  
vindo acompanhadas do seu importe em  
valles do correio, e no fim da extracção  
remette aos seus freguezes a lista dos pre-  
mios.

## EL AMIGO DE LA SALUD. UNGUENTO HOLLOWAY.

Los cánceres, las úlceras, las heridas, las  
quemaduras y los absesos son curados propi-  
amente por este Unguento refrigerante. El gran  
consumo de este remedio en los certificados  
individuales que pudieran presentarse. No hay  
remedio que venza las enfermedades internas y  
externas tan pronto ó con tanta facilidad como  
este Unguento unido con las Píldoras del mi-  
esimo Profesor. Al paso que el Unguento cura  
las enfermedades esternas y locales, las Píldo-  
ras purifican la sangre, arreglan la digestión-  
estimulan las funciones entorpecidas, y espelen  
del sistema los malos humores, que engendran  
las enfermedades.

### Gota y Reumatismo.

La causa de estas enfermedades se encuen-  
tra en la sangre, la cual atrae en su irruclia-  
ción el virus, que irrita, e inflama los tejidos,  
que toca, y produce el calor doloroso, que  
se experimenta en las partes afectadas, como  
son las inflamaciones de las articulaciones  
que son tan características en estas dos afe-  
cciones. La filosofía de curar exige, que se des-  
truya la depravación de la sangre, y que esta  
se restablezca á un estado normal, lo cual,  
se obtiene al instante con el uso de las Píldo-  
ras Holloway. El Unguento, bien frotado en  
el cutis, penetra, y se esparce por todo el  
sistema, y la influencia combinada de estos dos  
medios efectúa pronto una cura perfecta.

### Humores escorbúticos y escro- fulosos.

Estas afecciones provienen de la impureza  
de la sangre ó de la debilidad y deprecación de  
las secreciones. Es de poca importancia el sa-  
ber, si el desórden es antiguo ó obstinado; la  
applicacion diaria de este irresistible Unguento  
á las partes afectadas obtendrá una cura, que  
no será superficial ni temporal, sino comple-  
ta y permanente.

Por motivos de filantropia se darán grá-  
tis los consejos convenientes, á las perso-  
nas que se dirijan por medio de carta al Profesor Hol-  
loway, esponiendo el caso de su enfermedad  
particular.

El Unguento y las Píldoras deben usarse en  
las enfermedades siguientes: —

Asma	Inflamaciones glan- dulares
Bultos	— internas
Calambres	— externas
Callos	Lamparones
Cánceres	Lepra
Contracción de mi- embros	Males en las piernas
Enfermedades del cú- tis	Males de los pe- chos
— del hígado	— de los ojos
— de las articu- laciones	Picaduras de mos- quitos
Erisipelas	— de reptiles
Erupecciones escorbú- ticas escrofulosas	Pústulas
Escabia	Queimaduras
Fistulas	Reumatismo
Friedad ó falta de — de calor en las — estremidades	Supuraciones pútri- das
Grietas en las manos	Sabanones
Gota	Temblo de nervios
Hemorroides	Tina
Heridas antiguas	Tumores
Hidropesia	Úlceras en la boca — en cualquier parte.

Este Unguento, elaborado bajo la inspección  
personal del Profesor Holloway, se vende 1s.  
7/11 d., á 2s. 9d., y á 4s. 6., cada bote en  
el establecimiento central de dicho Profesor en  
Londres, Strand, 244, y en las casas de todos  
los principales Droguistas y Boticarios de to-  
dos los países de mundo á los precios relati-  
vos establecidos para cada país.

Comprando los tamanos mayores se obtie-  
ne una gran ventaja, pues el segundo tamaño  
contiene tres veces el pequeno, y el mayor lo  
contiene seis veces.

Cada bote de Unguento va acompañado de  
una instruccion impresa en Espanol, que ex-  
plica la manera de usarse este remedio en cada  
una de las enfermedades á que se aplica.

**Píldoras Holloway.** — El mejor remedio  
conocido. En estos momentos el frio, la hu-  
medad, y las nieblas están produciendo enfer-  
medades innumerables; los dos primeros dis-  
minuyen la fuerza nerviosa, la última con-  
tamina la sangre. Los fecondos manantiales  
de la enfermedad producidos por las influen-  
cias atmosféricas pueden ser fácilmente remo-  
vidos por el uso de las Píldoras Holloway, que  
espulsan al instante de la circulación toda im-  
pureza, que le haya sido comunicada por la  
atmósfera corrompida, dando energia al sis-  
tema nervioso. Las Píldoras corrompida, dan-  
do energia al sistema nervioso. Las Píldoras  
corrigen, purifican y estimulan cada órgano.  
Como un remedio contra la gota, el reuma-  
tismo ó la hidropesia no hay medicina que  
les iguale. En las enfermedades de la garga-  
ta, del pecho, del hígado, ó del estómago  
son tan inofensivas como eficaces. No con-  
tienen ningun ingrediente mercurial, mineral  
ó nocivo.

RESPONSABLE

Antonio Fernandes Leite.